



Recortes de Imprensa

Agosto 2015



COM O APOIO:





DIREITOS RESERVADOS

Vítimas tentam ultrapassar marcas do crime

Vítimas e agressores tentam ultrapassar marcas do crime e perdoar em encontros em prisões e na comunidade

LUSA
Açoriano Oriental

Vítimas e agressores não relacionados tentam em encontros realizados em prisões e na comunidade ultrapassar as marcas deixadas pela agressão, compreender e perdoar.

Nestes encontros promovidos em Portugal pela Confiar – Associação de Fraternidade Prisional, as vítimas têm a possibilidade de se encontrarem com ofensores, perdoá-los e ajudá-los a compreender como o seu comportamento ofensivo afeta realmente as suas vítimas.

Já os ofensores são encorajados

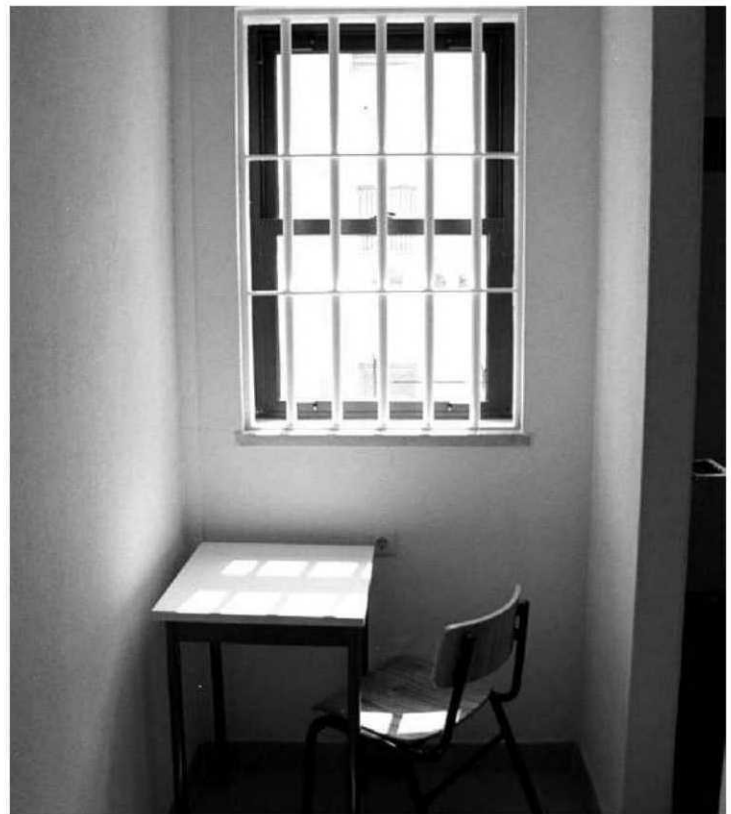
a refletir sobre o papel que valores como o respeito, a empatia e a responsabilização poderão ter nas suas vidas, tendo a oportunidade de simbolicamente reparar as suas ofensas passadas.

A prática tem demonstrado que “a reconciliação é uma possibilidade real e que a reincidência do crime desce para valores residuais”, disse à agência Lusa o vice-presidente da Confiar, Luís Graça.

Luís Graça explicou que os encontros são mediados por dois facilitadores devidamente preparados “e em cinco a oito sessões o perdão, a verdade, a reconciliação e a consciência dos atos praticados são uma realidade”.

“A vítima deixa de estar em processo de vitimização e o ex-ofensor toma consciência do seu ato”, sublinhou.

Os encontros acontecem no âmbito do projeto europeu “Building Bridges”, promovido pela Prison Fellowship International, a maior



Projeto termina no próximo ano

rede do mundo de voluntariado prisional que está presente em quase 130 países e tem assento na ONU para as questões da justiça.

A Prison Fellowship International, da qual Portugal faz parte, desenvolve processos de justiça restaurativa há mais de 30 anos e convidou a associação portuguesa a fazer parte deste projeto financiado pela Comissão Europeia, que está a ser desenvolvido também em Espanha, Itália, Holanda, Alemanha, Hungria e República Checa.

O projeto, que termina em fevereiro de 2016, inclui dois “painéis de impacto de justiça restaurativas”, terminando o primeiro na sexta-feira com um encontro em Lisboa que reunirá representantes da associação, da Direção-Geral da Reinserção e Serviços Prisionais e participantes no painel, disse Luís Graça.

Para os realizar, a Confiar conta com a ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). ♦

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

APENAS 8% DOS AGRESSORES FICAM NA CADEIA

● SÉRGIO A. VITORINO

Apenas 8% dos condenados por violência doméstica, na área da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL), vieram ser-lhes aplicada prisão efetiva. De acordo com um relatório daquele órgão do Ministério Público, entre 1 de setembro de 2014 e 31 de maio deste ano, foram condenadas 665 pessoas por violência doméstica – apenas 84

Taxa de condenação abaixo da média para outros crimes

a prisão efetiva. Foram absolvidos 36% (388 casos). “A taxa de condenação [62,8%] está um pouco abaixo do parâmetro geral da área da PGDL [87% para o global dos crimes]”, revela o relatório assinado por Francisca van Dunem, procuradora-geral distrital. Além dos 84 condenados a prisão efetiva, outros 11 apanharam trabalho a favor da comunidade, 42 multa, 146 pena suspensa e 382 pena suspensa com regime de prova. A PGDL engloba comarcas entre Caldas da Rainha e Sesimbra, Açores e Madeira. ■

APAV não cala nem consente

Associação de Apoio à Vítima assinala 25 anos com exposição de cartazes ◉ 18 trabalhos de publicidade põem dedo nas feridas da sociedade ◉ Presidente critica novo Estatuto da Vítima

LISBOA

por
ANTÓNIO SANTOS

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) inaugurou, ontem, «A Voz do Silêncio», uma exposição de publicidade de que percorre 25 anos a devolver a voz a quem não a tem.

A seleção de 18 cartazes, selecionados por Edson Athayde, põe o dedo nas feridas, antigas e novas, da sociedade portuguesa: do

abuso sexual de menores à violência doméstica, passando pelo trabalho infantil, foram estas as imagens que, ao longo da história da APAV, obrigaram Portugal a ver uma realidade que, até então, era só das vítimas.

«Cuidado com o marido», lê-se num poster, que mostra um azulejo à entrada de uma moradia. Outro cartaz recorda, com ironia, que todos os anos, 30 mil mulheres «caem e batem com a cabeça no lavatório». São cartazes polémicos, chocantes e provocatórios, que espelham um universo de 270 mil pessoas a

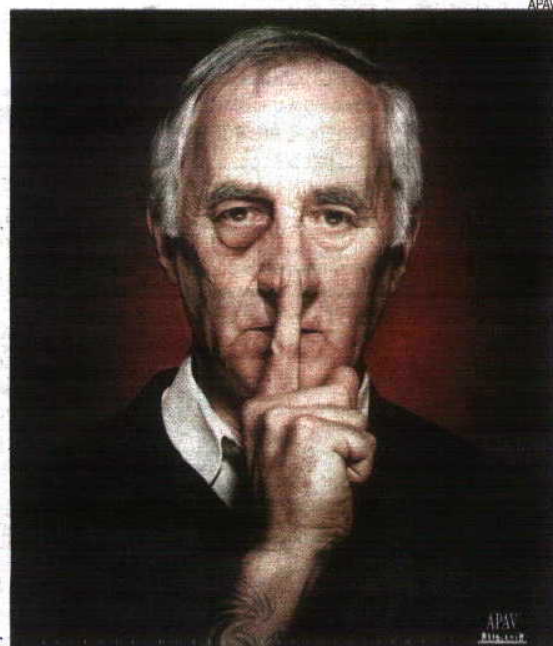
quem a APAV estendeu a mão e que podem ser vistos, até dia 20 de agosto, na Avenida Duque De Ávila, em Lisboa.

«Ao longo destes 25 anos, notámos uma diferença abissal: a sociedade portuguesa é hoje menos tolerante com muitos crimes que antes eram ignorados como a violência contra pessoas idosas ou o abuso sexual de menores», explicou a A BOLA o presidente da APAV, João Lázaro. «É um salto civilizacional, mas há um caminho imenso a percorrer», acrescentou.

Nesse caminho, entende a APAV, nem todos remam na mes-

ma direção e a vontade política é parca. Em junho, o governo aprovou o Estatuto da Vítima, transpondo para o Código do Processo Penal uma diretiva europeia obrigatória para todos os Estados membros e que, considera João Lázaro, serviu «para inglês ver».

«A sociedade portuguesa perdeu uma oportunidade única de criar um estatuto da vítima que não fosse só um bom edifício jurídico, mas que também fosse concretizável. Esta lei fica aquém desses objetivos porque não prevê consequências para quem viole a lei», denunciou o presidente da APAV.



Do trabalho infantil à violência contra os idosos, a publicidade da APAV foi muitas vezes controversa e sempre assumiu o propósito de provocar reações fortes



Vítimas de violência vão ter apoio para pagar a renda

Segurança. Novo diploma reforça proteção às mulheres obrigadas a sair da casa por medo dos agressores. E cria uma equipa para reconstituir estes crimes e melhorar falhas na prevenção

RUTE COELHO

Com 70 anos, Maria foi viver para uma casa de abrigo no Porto, depois de meio século a ser agredida pelo marido. Esta idosa, cuja história de coragem foi contada este ano nas páginas do DN, é uma das mulheres que vão poder beneficiar dos novos apoios às rendas de casa que as vítimas de violência doméstica terão, de forma proporcional aos rendimentos.

Um projeto de lei do Bloco de Esquerda aprovado a 22 de julho e publicado a 5 de agosto como decreto da Assembleia da República aprovou este apoio específico à renda de casa das vítimas e outras medidas naquela que é a terceira alteração ao regime jurídico de proteção e assistência às vítimas de violência doméstica.

O diploma, aprovado por unanimidade por todos os partidos com representação parlamentar, também prevê que se passe a fazer a análise retrospectiva dos homicídios conjugais em contexto de violência doméstica. Será uma espé-

cie de reconstituição do caso a nível documental, já depois da sentença transitada em julgado, com o objetivo de melhorar falhas que possam ter havido a nível de prevenção. Partirá da análise a documentação que consta do processo judicial, de documentos técnicos das várias entidades que intervieram e dos depoimentos dos técnicos que acompanharam o caso.

A equipa que fará esta análise é multidisciplinar e inclui um representante do Ministério Público, outro da força de segurança territorialmente competente (PSP ou GNR) e um da PJ que tem o exclusivo da investigação de crimes de sangue; e ainda um representante por ministério: da Administração Interna, da Justiça, da Solidariedade e Emprego, da Saúde, e um da secretaria de Estado da Igualdade.

Apoio para mudar de vida

Helena Pinto, deputada do Bloco de Esquerda que foi uma das autoras do diploma, sublinha a importância do "apoio ao arrendamento" para as mulheres agredidas. A lei já criou há um ano as bolsas de habi-

tação para as vítimas de violência doméstica em fogos sociais mas esta alteração vai mais longe. "A vítima tem direito ao apoio ao arrendamento, à atribuição de fogo social ou à modalidade específica equiparável, nos termos definidos na lei ou em protocolos celebrados com entidades para o efeito", refere o diploma.

A deputada Helena Pinto explica que "é difícil aplicar a ideia de que em toda a habitação social devia haver uma quota para as vítimas". O apoio ao arrendamento "é mais eficaz porque não põe questões sobre a localização das vítimas, pois nem todas viverão em bairros sociais, e é parcial e proporcional, numa fase de transição para que possam recompor as suas vidas".

Sobre a análise retrospectiva do homicídio em cenário de violência doméstica, Helena Pinto explica que "é uma medida transposta da Convenção de Istambul, que ainda não existia no nosso ordenamento jurídico". Para a deputada "será útil para aprender com cada processo para que em casos

futuros se possam aplicar novas medidas preventivas".

APAV está na expectativa

Na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) a atitude é a de "expectativa" para "ver como vão as coisas funcionar na prática", como assume Daniel Cotrim, assessor técnico da direção. No capítulo dos apoios à renda, considera ser "uma boa medida" porque "possibilita que as vítimas de violência doméstica se possam misturar e ser cidadãs no meio dos outros" uma vez que "em muitas situações empurravam-se estas mulheres para o gueto do bairro social outra vez".

Daniel Cotrim salienta que "o apoio parcial ao arrendamento permite que uma mulher vítima de agressões do marido ou companheiro possa escolher onde quer viver". Sempre numa lógica de "transição", em função de "um projeto de vida que estas mulheres vão ter". O assessor técnico da direção da APAV destaca também que estes apoios ao arrendamento podem "acelerar o processo de saída das vítimas das casas de abrigo". Em média, diz, as vítimas demoram um ano a um ano e meio até deixarem as casas de abrigo. A nível nacional, existem 37 destes refúgios secretos para mulheres que fugiram ao agressor.

Quanto à análise dos homicídios conjugais, Daniel Cotrim considera que um grupo de trabalho para analisar os processos "só será importante se for eficaz" e que não sirva "para arranjar bodes expiatórios para o que falhou mas para encontrar soluções".

UTILIDADE

Polícia Judiciária já faz análise de casos

› Pedro do Carmo, diretor nacional adjunto da Polícia Judiciária, diz que "é de louvar" a medida prevista na lei de se passar a fazer a análise retrospectiva do crime de homicídio em contexto de violência doméstica e cujo grupo de trabalho integrará um elemento da PJ. "A Polícia Judiciária já faz essa análise nos mais variados casos de homicídio, que têm sido objeto de estudo e acompanhamento no seu Gabinete de Psicologia." O responsável vê na medida "a utilidade de se estudarem situações concretas para se retirarem lições para o futuro". Um elemento da PSP e da GNR (consoante a zona) também fará parte do grupo de trabalho para a reconstituição documental.

Medo deixa crimes de ódio sem denúncia

Justiça. Ministério cria Grupo de Trabalho para crimes por motivos homofóbicos, raciais ou religiosos para funcionar até 2017

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Um pai que no ano passado agrediu o filho já com 25 anos dentro da própria casa quando se apercebeu da sua homossexualidade. Um gay que ao passear na rua, sozinho, e em plena Baixa lisboeta, levou um empurrão que lhe partiu o braço seguido de um "vai para casa ó paneleiro! Metes-me nojo!" Casos como estes preenchem as (poucas) estatísticas registadas em Portugal.

Os chamados crimes de ódio — em que as vítimas são escolhidas em função da raça, religião ou orientação sexual — ainda são oficialmente poucos: 426 denúncias recebidas pelas associações no ano passado, que perfaz uma média de um por dia. Mas, desse total, apenas 7% dos casos foram efetivamente denunciados às autoridades competentes: polícias ou Ministério Público. A juntar-se a estes dados — recebidos pela ILGA Portugal (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero) — há ainda o registo de apenas 23 queixas na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Mas estes casos oficiais estão longe de representar a realidade. "Há ainda um longo ca-

minho a percorrer, tal como nos casos de violência doméstica há umas décadas mas que agora já está no bom caminho", explica Paulo Côrte-Real, líder da ILGA. "O que mais me preocupa são precisamente estas poucas denúncias face aos casos que conhecemos. Porquê? Porque há ainda um medo e uma desconfiança face à forma como as autoridades policiais lidam com estes crimes", desabafo Paulo Côrte-Real. Os dados reportam a 2014, rondando a percentagem das não denúncias no ano imediatamente anterior os 96%.

O caso de José de Carvalho, dirigente do PSR, morto em 1989 na Rua da Palma, e do cabo-verdiano Alcino Monteiro, em 1995, violentamente agredido e assassinado no Bairro Alto, ambos por um grupo de elementos neonazis, acordaram a sociedade portuguesa para esta realidade. Mas desde então "tem havido uma evolução muito lenta na prevenção e punição", explica.

Para tentar acabar com este *status quo*, o Ministério da Justiça pu-

blicou nesta semana o II Plano para a Igualdade do Ministério da Justiça (MJ), que prevê a criação de um grupo de trabalho composto por elementos da Direção-Geral de Política de Justiça (DGPJ) e da Polícia Judiciária (PJ) "com intervenção no domínio dos *hate crimes*", conforme se pode ler no documento, a que o DN teve acesso. E que será para exercer funções até 2017. Porém, contactado pelo DN, fonte oficial do MJ não se mostrou disponível para esclarecer quais os objetivos deste grupo.

Um dos técnicos da APAV explicou ao DN que, em Portugal, a realidade nada tem a ver com os crimes mais graves. "Casos como o do Alcino Monteiro são muito raros. Os registos mais comuns são de insultos e agressões físicas. Embora algumas agravadas", explica. Para novembro, a ILGA prepara uma linha direta de acesso via net de forma a que as vítimas possam fazer as denúncias. "Uma ferramenta que poderá permitir o aumento das denúncias", concluiu Paulo Côrte-Real.

Apenas 7% dos casos terão sido denunciados às autoridades

CASOS MORTAIS

HOMICÍDIO RACISTA

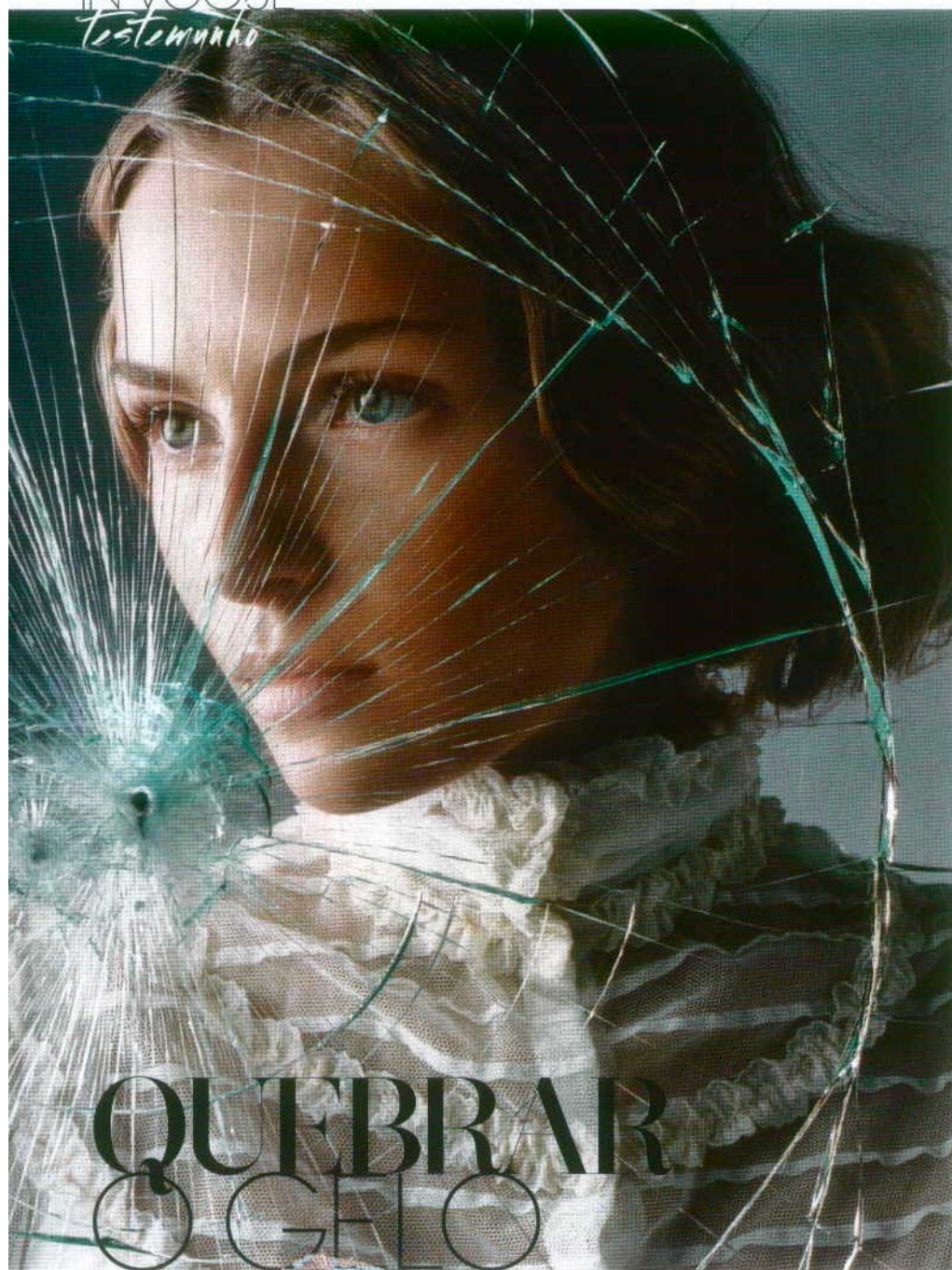
► Em junho de 1995, Alcino Monteiro é brutalmente assassinado às mãos de *skinheads*. Português, com raízes cabo-verdianas, foi espancado com paus, soqueiras, botas de biqueira de aço e garrafas partidas. As agressões causaram fraturas múltiplas na cabeça e na coluna que o levaram à morte. Dois anos depois, o grupo de 15 *skinheads* que o agrediu foi condenado com penas de 18 aos dois anos de prisão.

GISBERTA

► Gisberta Júnior tinha 44 anos, era brasileira, seropositiva, sem-abrigo e transexual. Já estava muito doente quando foi agredida. Espancada por um grupo de jovens durante três dias e atirada para o poço de um prédio em obras, acabou por morrer afogada. Os menores foram condenados por maus-tratos a um ano de internamento.

DIRIGENTE DO PSR

► Em 1989, o dirigente do PSR José Carvalho é assassinado à porta da sede do partido, na Rua da Palma, em Lisboa, com uma facada. O agressor foi o primeiro *skinhead* em Portugal a ser condenado: Pedro Grilo, na altura com 20 anos, foi condenado a 12 anos de prisão por autoria material do homicídio. O crime, na sequência de um concerto antimilitarista, ocorre depois de dois *skinheads*, que tentavam assistir ao espetáculo, serem barrados à porta.

IN VOGUE
TestemunhoQUEBRAR
O GELO

Em 25 anos de APAV em Portugal, mudou-se muito na gestão da violência e pouco nas mentalidades de quem a rodeia. Há cada vez menos silêncio entre os inocentes, mas estará a sociedade preparada para ouvir o que não quer? *Por Rosário Mello e Castro.*

Na sede da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em Lisboa, a tarde começa como em qualquer outro escritório, o toque dos telefones em surdina, os teclados de computador a estalar em *loop*. À entrada, passamos os olhos por um leque de panfletos dedicados aos vários crimes de violência sobre as pessoas (da doméstica à económica aos mais recentes *cyberbullying* e *stalking*) até chegarmos às salas de atendimento. Estão identificadas

por cores em vez de números, os sofás e as cadeiras dispostos lado a lado para não afastar as vítimas de quem as recebe. Uma sucessão de divisões cheias de luz guia-nos com a clareza de um mapa até ao gabinete da Linha de Apoio à Vítima, disponível gratuitamente todos os dias úteis, das 9h às 19h. "Gostávamos de estender o horário, mas por enquanto é impossível", comenta João Lázaro, presidente da instituição há três anos, voluntário há mais de 20. Aqui chegam cerca de 20 pedidos de ajuda por dia, a somar aos encaminhamentos

feitos pela polícia, por empresas ou outras instituições. Na maioria dos casos, são as próprias vítimas que contactam a APAV, através da sede, dos gabinetes de apoio ou das casas de abrigo espalhadas pelo País. Sem surpresas, reportam mais casos de violência sobre as mulheres, mais do que qualquer outro. Em 25 anos de APAV, esta realidade continua a ser tão inquietante como no primeiro dia.

O presidente João Lázaro e a vice-presidente Catarina de Albuquerque sentam-se à mesa para nos falar do que evoluímos até aqui. Os seus sorrisos simpáticos são contrários à realidade dos factos nacionais. "Temos um longo caminho a percorrer, ainda não atingimos sequer os mínimos", avança João. Ao longo dos últimos 25 anos, a APAV ajudou cerca de 210 mil pessoas e sensibilizou para o papel da vítima em todos os seus sentidos. "Agimos em substituição do Estado ou em parceria leal com ele, tanto na prevenção como na fase posterior aos crimes, ajudando a proteger, a cuidar, a encaminhar", acrescenta Catarina. "Tudo com o envolvimento da sociedade civil, que conseguimos através do voluntariado e articulando-nos com as forças policiais. A ajuda às vítimas não pode ser vista como um favor. E nisso nós somos diferentes – não temos medo de questionar, de dizer que não."

As últimas estatísticas divulgadas pela APAV não são absolutas, mas ajudam a traçar o perfil das vítimas e dos agressores, um reflexo desfocado do País. As primeiras são quase sempre femininas (82,3%), com idades entre os 25 e os 54 anos, casadas e com filhos. Dessas, 7,6% chegaram ao ensino superior e só 30% estavam empregadas. Quanto à relação da vítima com o agressor, os números dançam à volta da conjugalidade (namorados, maridos ou ex-maridos são os responsáveis mais comuns). Apenas um outro dado salta à vista: os 11% de pais que agredem os filhos. Juntamos os pontos do *puzzle* oposto e desenhámos os agressores. Mais de 80% são homens (contra os 14,2% que são mulheres) e também têm idades entre os 24 e os 54 anos, a maioria estavam desempregados. "A violência doméstica é transversal, a idades e classes sociais, o que muda são as reações a essa mesma violência", avança Dália Costa, Professora do ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) e investigadora do CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos de Género). Para a socióloga, que analisou o apoio à vítima de violência doméstica no seu doutoramento, o aumento do número de casos ▸

IN VOGUE
testemunho

explica-se no cruzamento entre vários avanços. “Por um lado, há menos tolerância e um esclarecimento maior do que representa este crime; por outro, as instituições como a APAV passaram a estar mais próximas das pessoas”, diz, salientando que há muito poucos estudos, temos mais hipóteses do que certezas científicas.

a classificação da violência doméstica como crime público em 2000 influenciou mais as instituições públicas e a dinâmica judicial do que as pessoas. “O senso comum continua sem saber distinguir entre uma queixa e uma denúncia. O que não quer dizer que não esteja alerta para a questão, levantada tantas vezes pela comunicação social, por exemplo”, sublinha Dália. Por outro lado, diz João Lázaro, “esta mudança deixou mais alerta os círculos de amigos, a família, até as entidades empregadoras”. Menos consciência social e mais rigidez em relação à violência em si, o que também explica os casos das mulheres que estiveram casadas 15 ou 20 anos e, chegando aos 50 ou mais, decidem dizer “basta”. As próprias denúncias registadas pelas forças policiais o evidenciam. Depois de um crescimento gradual, seguiu-se um período de quebra e agora os números estabilizaram. “Isso diz-nos que o crime da violência doméstica regularizou na sociedade portuguesa, fixou-se nos 20 e tal mil casos por ano”, afirma Dália. A experiência de João Lázaro inclui os restantes tipos de violência: “50 a 60% dos apoios transformam-se em queixas quando do primeiro contacto connosco.”

quis depender do meu marido nem de homem nenhum – foi ele que passou a depender de mim porque estava muitas vezes sem trabalho.” Chegou à APAV através da polícia, já depois de se ter refugiado uma vez. “Só que estava numa casa de apoio muito próxima do meu marido e isso deixava-me nervosa, tinha medo que ele reagisse contra as pessoas com quem me via”, conta. Regressou ao lugar onde foi infeliz, paralisada pelas ameaças em relação ao filho – “se te fores embora, ele fica”, ouvia vezes sem conta. Chegou a ficar mais de um mês fechada em casa, única forma de esconder o olho pisado e negro. Os abusos continuaram até chocarem de frente com as perguntas difíceis da criança. “Chegou da escola, senti-me ansiosa e quis saber se tinha sido o pai a deixar-me triste, tentei negar, mas até para o miúdo era óbvio. Disse-me que talvez fosse melhor voltarmos para ‘aquela casa’ e, nesse momento, percebi: tenho de fazer alguma coisa.” Com a ajuda da APAV e dos seus especialistas, pediu o divórcio, difícil de aceitar pelo entretanto ex-marido, e começou a pagar lentamente as dívidas que ele lhe deixara.

“COM A CRISE,
HOUE UM
RETROCESSO E
PROLONGOU-SE
A PERMANÊNCIA
NAS RELAÇÕES
DE ABUSO.” JOÃO LÁZARO

Mudou-se para uma casa abrigo de Lisboa, onde viveu durante quatro desafiante anos. “Existem regras que têm de ser cumpridas e para quem chega não é fácil. Fiz amigas, mas acho que as mulheres se devem apoiar mais nestas situações, houve momentos em que sei que eu própria não era fácil.” Hoje, tem um trabalho em *part-time* e concretizou um dos seus grandes objectivos – ter uma casa só sua e do seu filho.

A crise económica dos últimos anos teve efeitos devastadores aos quais João Lázaro faz agora contas. Aumentou o grau de insegurança nas comunidades e influenciou a violência em todos os seus sentidos. Doméstica, “com mais pessoas a prolongarem a permanência nas relações de abuso e mais obstáculos à saída das mesmas”; contra os idosos, “algo ainda envolto em silêncio e que varia entre os maus-tratos físicos, psicológicos ou financeiros, muito por culpa do regresso dos filhos”. Ou em situações ainda mais limite, como o homicídio conjugal, tão inquietante quanto difícil de explicar.

numa altura em que se fala de feminismo e igualdade, são os números alarmantes da violência do namoro que também nos chocam. “Evoluímos para uma espécie de igualdade de género distorcida”, interpreta Dália Costa. Inspeções regulares ao telemóvel e ao *email*, proibições de saídas com este ou aquele amigo, esta ou aquela peça de roupa vestida, estaladas de parte a parte. A responsabilidade da violência passou a ser partilhada, ele fez, eu faço igual ou pior. “Lançaram-se campanhas e ações e depois ficámos à espera que a mudança acontecesse – a verdade é que as crenças em relação à violência não mudaram assim tanto nas últimas décadas.” Habitado às ações de prevenção nas escolas, João Lázaro confirma que a violência no namoro é um pré-estádio para a violência doméstica. “A violência em geral continua a ser uma forma de resolução de conflitos entre crianças e jovens e a mensagem tem de ser constantemente repetida para a educação da não-violência – é preciso prevenção e intervenção para evitar que estes padrões culturais persistam.”

Para celebrar este quarto de século, a instituição associou-se ao *Vogue Fashion's Night Out*, que a 10 de setembro voltará a abrir as lojas de Lisboa até às 23h, e organizou um sem-número de campanhas, ações de rua e concertos. É uma instituição independente desde o início e orgulha-se disso. Premiada e elogiada repetidas vezes, por governos de todas as cores políticas, quer aproximar-se do Estado e das pessoas, mesmo que as verbas nem sempre cheguem para tanto. A resposta é dada por funcionários especializados (uma estrutura com mais de 60 elementos) e quase 250 voluntários devidamente orientados e abrange ações tão diversas quanto o apoio psicológico a famílias afetadas pelo homicídio ou o acompanhamento feito a crianças e jovens vítimas de crimes sexuais. “Continua a ser preciso aumentar a intolerância social ao fenómeno, bem como a consciência da sua posição e dos seus direitos, nos diferentes serviços e na educação”, avalia João Lázaro. Ainda assim, a capacidade de dizer “chega!” aos abusos tem vindo a acelerar desde que as pessoas chegam à APAV. “Idealmente, queremos que todas as pessoas que são vítimas se reconheçam como tal, que não seja apenas o sistema a reconhecê-lo. Sabemos que, durante décadas, as mulheres estavam convencidas de que era sua obrigação aceitar determinados comportamentos dos maridos. Era a condição feminina e continuamos a senti-lhe os efeitos”, alerta Catarina Albuquerque. “Em nome das mulheres e dos restantes grupos frágeis, dos idosos aos homossexuais e às minorias étnicas, o nosso trabalho só está feito quando virarmos essa ideia ao contrário.” ■

mariana Silva seria mais um desses casos anónimos, empilhado na torre das estatísticas da violência doméstica, não estivesse determinada a controlar o final da sua história. “Quero poder passear, comer um gelado com o meu filho, comprar coisas para a casa.” Aos 38 anos e, graças à ajuda da APAV, está a começar uma vida nova. Passou mais de uma década num lugar tão escuro que lhe é difícil descrevê-lo. Estava fechada – sobre si própria, sem saber o que fazer ou a quem recorrer, e para os outros, com medo de falar com família, amigos, colegas de trabalho. Estava impedida de trocar olhares, quanto mais palavras, com conhecidos, ela que sempre gostou de conversar. “Agora, no trabalho, toda a gente me diz que falo muito”, ri-se. “Fumo um cigarro à janela sem ter de me preocupar com quem passa. Faço-o tranquilamente, passei a ser livre.” Cresceu no Norte, onde a mãe ainda vive e foi aí que se fixou muito nova, com o marido e depois com o filho. “Sempre trabalhei e nunca



Dia 10 de setembro, Lisboa enche-se de animação para receber mais uma edição da *Vogue Fashion's Night Out*. Entre as 19h e as 23h as lojas e os espaços de Moda da capital vão estar de portas abertas para celebrar a maior noite de compras do ano. Pelo 6.º ano consecutivo, a *Vogue*, em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, adere a esta iniciativa internacional (em que participam 23 cidades) criada para promover o comércio. Da Rua Castilho à Avenida da Liberdade, do Príncipe Real ao Chiado, sem deixar de fora a Baixa Pombalina, venha conhecer as novas coleções e as tendências de Moda e Beleza da próxima estação. Pelos vários pontos do roteiro, vai poder cruzar-se com os embaixadores da VFNO, personalidades do mundo das artes e da Moda, que aceitaram o convite da *Vogue* para ser o rosto deste evento. O ambiente vai ser de festa. O menu inclui promoções, descontos e muitas surpresas, acompanhadas de música e boa disposição. Motivos mais do que suficientes para não ficar em casa.

VOGUE
PORTUGAL
**FASHION'S
NIGHT
OUT**
**SEPT. 10
2015
LISBON**





VOGUE
FASHION'S
NIGHT
OUT
SEPT. 10
2015
LISBON



A

A Tresemmé volta a marcar presença na VFNO para lhe revelar os segredos de um cabelo deslumbrante e as tendências deste outono/inverno. A equipa de *hairstylists* da marca recriará os *looks* do momento, mostrando como o cabelo pode (e deve) ser um acessório importante na próxima estação.

A noite será feita de surpresas, mas levantamos já um pouco do véu: durante o evento, a marca lança uma nova gama de styling, a *Runaway Collection*, que inclui três lacas especialistas em transformar qualquer penteado caseiro num *look* de aspeto profissional. *Get Sleek* para um liso perfeito, *Make Waves* se quiser ondas naturais e *Max the Volume* para um cabelo volumoso. Desfrute do espetáculo e não se esqueça de tirar notas.

STYLE IT LIKE A PRO

A *Vogue Fashion's Night Out* trará o maior espetáculo de *hairstyling* para a Avenida da Liberdade. A Tresemmé será o artista principal e o cabelo a estrela da noite.



POR UMA BOA CAUSA

No ano em que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) faz 25 anos, a *Vogue* apoia a organização e a sua causa nobre de amparar os que são alvo de violência ou abandono. Assim, todas as receitas das T-shirts (5 euros) e pins (1 euro) VFNO reverterem a favor da APAV.

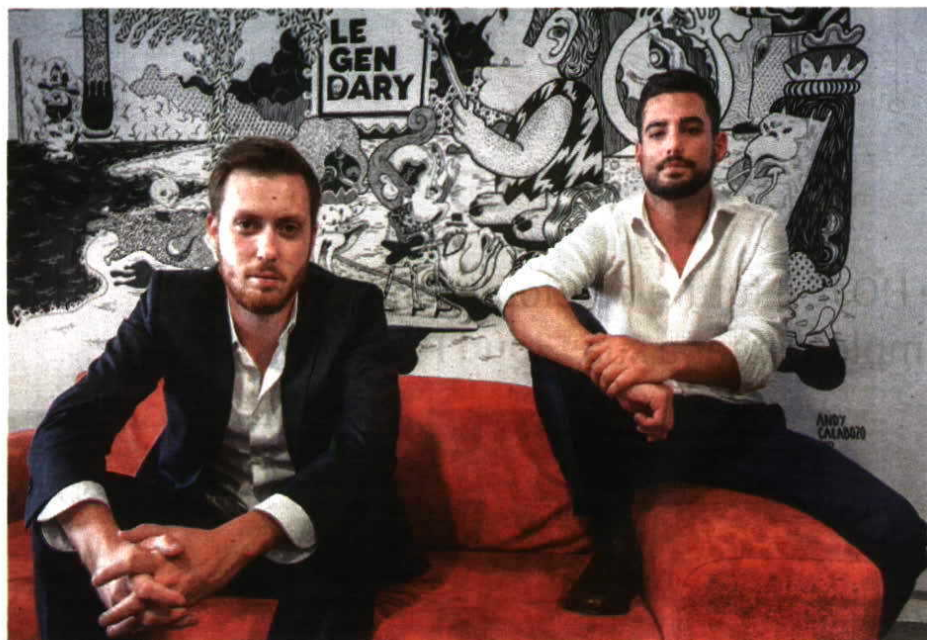
Bronzeado divino

PORQUE A MODA E A BELEZA ANDAM SEMPRE DE MÃOS DADAS, A CAUDALIE PREPAROU ALGO ESPECIAL PARA A VFNO. A MARCA VAI ESTAR NA MAX & CO. (RUA CASTILHO) E NA ZILIAN (RUA GARRETT, CHIADO) PARA PROMOVER A SUA LOÇÃO CORPORAL COM COR, *JAMBES DIVINES*. AS CLIENTES TERÃO A OPORTUNIDADE DE TESTAR O PRODUTO E CONHECER O SEU EFEITO DE BRONZEADO DOURADO E NATURAL, ATRAVÉS DA APLICAÇÃO DIRETA NA PELE.



MARKETING

Na Legendary o Natal começa em Março e já é digital



Hugo Pinto e Diogo Pinheiro fundaram a Legendary em 2013.

A empresa de marketing aproveitou o espaço que ainda existe no mercado do Porto para se afirmar, mas já chegou a várias marcas nacionais e internacionais. As campanhas são mais viradas para meios digitais.

ALEXANDRA NORONHA
anoronha@negocios.pt
RICARDO CASTELO
Fotografia

Já chegou o Natal à Legendary, em pleno Agosto. “No ano passado fomos apanhados um bocadinho de surpresa. Agora já estamos mais preparados e começamos a preparar o Natal em Março”, adiantou Hugo Pinto, sócio da empresa, criada em 2013 e que no ano seguinte se viu a braços com um fluxo de trabalho enorme no final do ano.

A sociedade de marketing do Porto acredita que o digital é tão importante que deve ser a prioridade para as marcas. Criada em 2013, a Legendary tem como “ponto diferenciador pensar no digital primeiro e depois, sim, vamos atacando os restantes meios. A maior parte dos clientes ainda tem o posicionamento contrário, começar pelo offline e depois ter uma ação ou duas no digital”.

Para Hugo Pinto e Diogo Pinheiro, os fundadores da empresa, no mundo actual esta estratégia não faz grande sentido. “Hoje em dia o marketing digital já é a nossa realidade do dia-a-dia. Dizer que é uma área de nicho não faz sentido”, explicou Hugo Pinto.

A Legendary, curiosamente, não é nada daquilo que os fundadores queriam no início. “Era um projecto na área dos recursos humanos, já tínhamos tudo delineado. Só que, quando começamos a explorar o mercado e a perceber como é que podíamos conseguir financiamento, concluímos que era uma coisa complicada e que íamos perder muito tempo”, realçou o mesmo sócio. Por isso, viraram-se para o marketing. “O bichinho começou a crescer e

começamos a ter esta ideia de que o mercado no Porto existia. Em Lisboa já lá estão as grandes agências”, referiu Hugo Pinto.

E a equipa foi crescendo. No primeiro ano eram três e agora já são 14, sem contar com os “freelancers” que trabalham com a Legendary. Campanhas para a Kia, Worten e Parfois vão enriquecendo o portefólio da sociedade. Os sócios destacam um projecto para a Rádio Popular, que marcou uma viragem para a empresa. “Fizemos um pequeno passatempo em que as pessoas podiam fazer música com os electrodomésticos, num site. Depois, no final, gravavam cerca de um minuto dessa música e havia um passatempo. Os cinco melhores ganhavam produtos da Rádio Popular”, contou Hugo

Pinto, salientando que este contrato foi um desafio porque a equipa era ainda muito pequena. A Legendary, que já trabalha no estrangeiro com a Parfois, por exemplo, está a acentuar a sua aposta com um novo cliente americano, a Street Surfing USA, uma empresa de skates.

A sociedade orgulha-se de ter poucas avenças e procura trabalhar em projectos individuais. “Quando se tem uma avença com um cliente acabamos por nos focar naquele cliente”, salientou Hugo Pinto. “Gostamos de mudar, não podemos criar rotinas, não podemos estar sempre com o mesmo. Tivemos clientes na área da moda ainda antes da Parfois, tivemos na área dos sapatos, vinhos. Nós não queremos contas, queremos projectos”, garantiu o sócio. ■

BARÓMETRO

EMPRESA ESTÁ A CRESCER

Radiografia dos últimos dois anos

Criada em 2013, a Legendary tem vindo a crescer nos últimos anos, com os sócios a admitir uma facturação de 500 mil euros no final deste ano, mais do dobro da registada no ano passado. Actualmente a empresa tem 14 trabalhadores, sem contar com os “freelancers” que vão colaborando nos projectos da Legendary.

	2013	2014	Varição
Facturação*	50.000	210.000	320%
Trabalhadores	6	14	133%
Clientes	-	32	-
Projectos	-	150	-

Fonte: Legendary; Valores em euros



CRIATIVIDADE E MUITA CONCORRÊNCIA

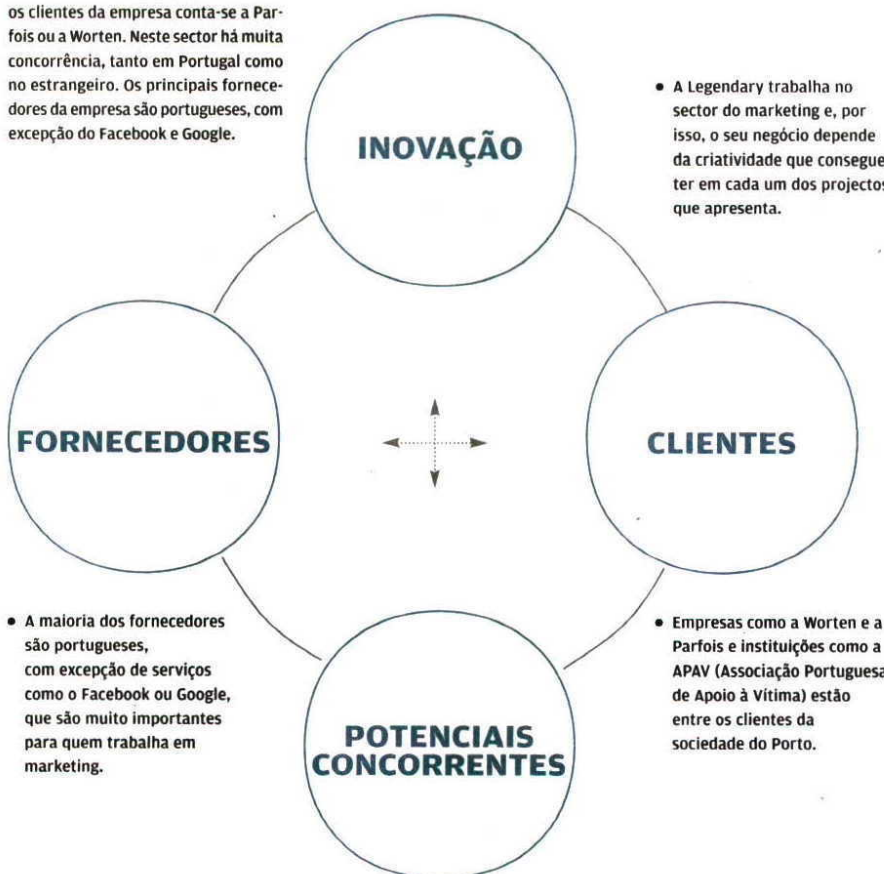
A Legendary trabalha o marketing de várias marcas e, por isso, a inovação existe em cada um dos projectos. Entre os clientes da empresa conta-se a Parfois ou a Worten. Neste sector há muita concorrência, tanto em Portugal como no estrangeiro. Os principais fornecedores da empresa são portugueses, com excepção do Facebook e Google.



Gostamos de mudar, não podemos criar rotinas, não podemos estar sempre com o mesmo.

HUGO PINTO
Sócio-fundador da Legendary

Na Legendary já se está a trabalhar nas campanhas de Natal para as marcas com que a empresa colabora. Esta época normalmente é a que exige mais esforço e tempo.



AS 3 LIÇÕES DO EMPRESÁRIO

Contactos e acção

PERSEVERANÇA

Diogo Pinheiro aponta a perseverança como uma das principais características que têm que estar presentes para que um empreendedor tenha sucesso no negócio que escolheu. "Isto é uma luta muito difícil, não tiramos férias, mas foi essa luta que nos levou a chegar aqui", explicou o sócio da Legendary.

"NETWORKING"

Os fundadores da empresa não deixam de realçar a importância do "networking" para assegurar o sucesso de uma empresa. "É preciso conhecer muitas pessoas. Se as pessoas ficarem quietas no seu escritório e não saírem para vender não vai acontecer nada. No nosso primeiro ano andávamos constantemente na rua", adiantou Diogo Pinheiro.

FAZER ACONTECER

Os sócios da Legendary dizem que nem sempre as ideias saem do papel e isso é um risco para o negócio. "Muitas pessoas ficam-se pela ideia", referiu Diogo Pinheiro. Hugo Pinto aconselhou ainda a "colocar a meta sempre alta e correr atrás dela". E dar atenção a clientes pequenos. "Por vezes esse cliente pequeno é um grande amigo do grande", salientou Diogo Pinheiro.

Primeiro Plano



Polícias com apoio específico

GNR criou núcleos especializados

A GNR tem uma estrutura específica para tratar das questões de violência doméstica. São 22 núcleos em todas as sedes de distrito e mais quatro em S. João da Madeira, Penafiel, Almada e Portimão, com 210 equipas, distribuídas pelo país.



PSP já atendeu mais de 1000 vítimas

A PSP criou em 2013 o Gabinete de Atendimento e Informação à Vítima para apoiar as vítimas de violência doméstica. Nos primeiros seis meses deste ano, foram ali atendidas cerca de 1050 pessoas, enquanto que em 2014 o número total de atendimentos foi de 1836.

Tendência Número de mulheres agressoras tem aumentado nos últimos anos, tal como o de maridos agredidos que ganham coragem para as denunciar

Violência leva 14 285 homens a queixarem-se das mulheres

Alexandre Panda
policia@jn.pt

A vergonha ainda está bem presente entre os homens vítimas de violência doméstica, mas a verdade é que são cada vez mais os que ganham coragem para denunciar maus-tratos às autoridades, que registam também um aumento do número de "mulheres agressoras". Nos últimos cinco anos e até junho de 2015, foram 14 285 os homens a queixar-se de mulheres por crimes de violência doméstica.

O preconceito dita que os homens são mais fortes e, por isso, muitos aguentam em silêncio a violência. Mas a vergonha está a quebrar. Só nos primeiros seis meses deste ano as autoridades registaram 1260 queixas de homens por maus-tratos, em que o denunciado era uma mulher. Podem ser mulheres, mães, filhas, enteadas ou madrastas, uma vez que as estatísticas elaboradas pelas autoridades não especificam qual a relação entre as agressoras e os homens vítimas.

Ainda assim, segundo dados do Ministério da Administração Interna (MAI), no ano passado houve 3551 mulheres denunciadas às polícias por violência doméstica, enquanto que, em 2013, eram apenas 3387. Em 2012, foram 3228. Está estatística específica ainda que, no ano passado, 635 casos de violência doméstica foram perpetrados apenas contra pai, filhos, avós ou pessoas colateralmente relacionadas, o que permite concluir que 2916 queixas foram apre-

sentadas pelo cônjuge. Em 2012, registaram-se 2631 queixas e no ano seguinte 2788 casos.

Cerca de metade das queixas são apresentadas na GNR, que, tal como a PSP, tem núcleos específicos para tratar casos de violência doméstica. Em 2012, a Guarda registou 1272 queixas contra mulheres, mais 61 em 2013 e mais 125 no ano passado. De janeiro a junho deste ano, foram contabilizadas 672 denúncias contra mulheres, em contexto de violência doméstica.

queixas:



1260

homens queixaram-se às autoridades por terem sido vítima de violência doméstica nos primeiros seis meses deste ano.

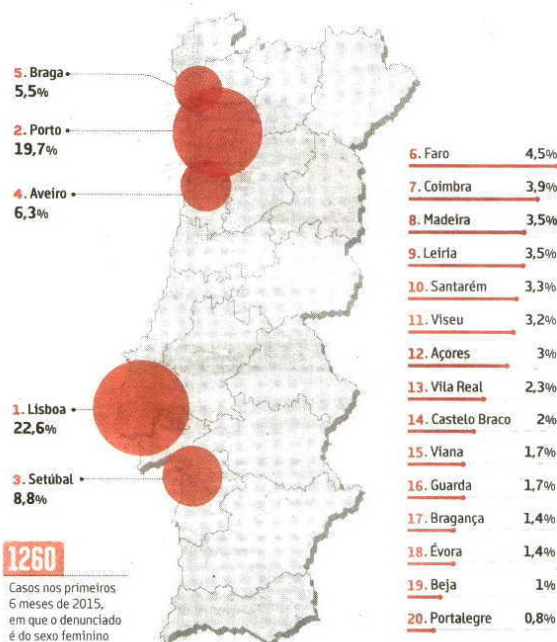
"Em termos de legislação, não há diferenças. O tratamento é exatamente igual, embora a maioria das vítimas sejam mulheres. Mas há também bastantes homens. Por norma, são os homens mais velhos que as mulheres ou companheiras maltratam, dada alguma fragilidade em termos físicos. Tem de facto vergonha, mas ela acontece antes das vítimas virem ter connosco. Depois, os nossos militares conseguem ter todo o cuidado para que as vítimas descrevam todos os factos", adiantou ao JN o major José Joaquim Machado, da Direção de Investigação Criminal da GNR, na qual nasceram os Núcleos de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas (NIAVE).

Violência psicológica

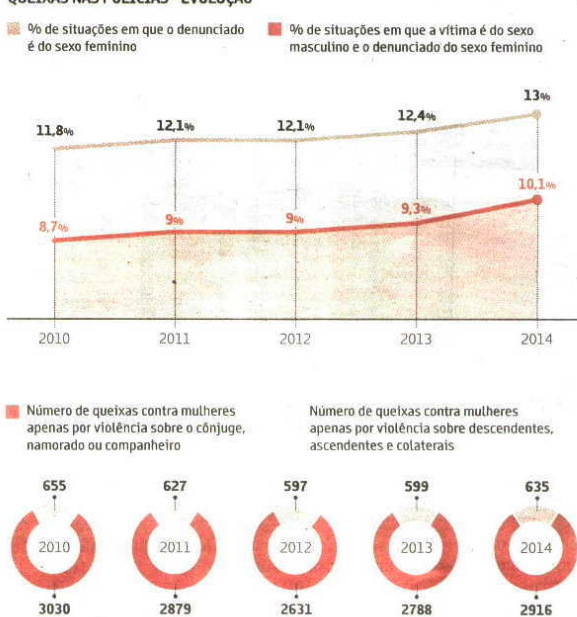
Aquele responsável não tem dúvidas de que há mais homens a queixar-se, mas acredita que a violência é mais psicológica do que física. "Também se verificam agressões, mas o que acontece mais são pressões, ameaças, coação ou agressões verbais. Essa pressão psicológica é que tem acontecido mais contra maridos ou companheiros. E temos verificado situações em que as mulheres demonstram uma grande capacidade de pressão sobre os homens e de uma forma muito inteligente", adiantou o major, que precisou ainda que a GNR registou mais violência contra homens na zona do Norte do país e que esse maus-tratos são transversais a todos os escalões sociais.

violência doméstica: denúncias contra mulheres

DISTRIBUIÇÃO DAS VÍTIMAS DO SEXO MASCULINO, POR DISTRITO, EM 2014



QUEIXAS NAS POLÍCIAS - EVOLUÇÃO





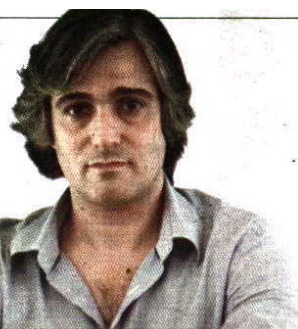
Alguns dados

382

vítimas masculinas
de violência doméstica foram apoiadas pela APAV no ano passado. 54 tinham entre 25 e 54 anos. A maioria, 241, beneficiou de apoio jurídico. Os restantes queriam apoio psicológico.

842

homens agredidos
participaram o caso apenas à GNR nos primeiros seis meses deste ano. Em 2014, a Guarda registou, em todo o país, 1685 queixas de violência doméstica por parte de homens.



“Ao contrário do que acontece com as mulheres, não há estruturas especializadas para acolher homens vítimas de violência doméstica”

Daniel Cotrim APAV

“Eles voltam rapidamente a ter vida autónoma”



APOIO À VÍTIMA Em dois anos, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ajudou 763 homens vítimas de violência doméstica. Foram 381 em 2013 e 382 no ano passado. Na maioria dos casos, os homens procuraram ajuda jurídica (491), mas também emocional (348).

A APAV não faz distinções de género quando se trata de apoiar uma vítima de maus-tratos. Tal como acontece com as mulheres, a associação propõe três grandes tipos de apoio: psicológico, jurídico e social. Mas também pode, em casos extremos, ajudar o marido a sair de casa para deixar de estar sujeito à violência.

“Ao contrário do que acontece com as mulheres, não há estruturas especializadas em Portugal para acolher os homens vítimas de violência conjugal. Não existem casas-abrigo para eles. No entanto, quan-

do surgem situações de intervenção ou de crise, podemos encaminhar as vítimas para centros de acolhimento temporário ou para a Santa Casa da Misericórdia”, explicou ao IN Daniel Cotrim, da APAV.

A Associação tenta sempre procurar as soluções menos perturbadoras para as vítimas e, normalmente, os homens que sofrem de maus-tratos conseguem rapidamente reconstruir a sua vida.

“Sem querer diminuir a vitimização dos homens, eles conseguem mais facilmente arranjar soluções próprias do que as mulheres. Normalmente, não ficam com os filhos e conseguem ser acolhidos em casa dos pais ou de familiares. Voltam a ter uma vida autónoma mais rapidamente, até porque, ao contrário daquilo que acontece com as mulheres, eles não são perseguidos pelas ‘ex’.

Aparentemente, só os homens mo-

vem perseguições às ex-mulheres após uma separação”, acrescentou Daniel Cotrim, que reconhece haver ainda um longo caminho para percorrer no que diz respeito ao apoio aos homens vítimas de violência doméstica.

Falta melhor resposta para homens
A verdade é que, hoje em dia, mais de 80% das vítimas daquele tipo particular de violência apoiados pela APAV são mulheres e os casos de homens agredidos são ainda considerados raros. “As respostas que existem hoje em dia para as vítimas de violência doméstica são mais estruturadas para as mulheres. Mas não quer dizer que não estejamos a pensar nisso. A lei é clara e não faz distinção entre géneros. Existem muitas mais mulheres vítimas, sim, mas não podemos esquecer os homens”, afirmou Daniel Cotrim. ●

Casos Duas histórias de violência em casais

Marco de Canaveses

“Tinha medo de que me pudesse matar”

► Há muitos homens que a vergonha cala, com receio de serem gozados pelos familiares, amigos ou vizinhos, que vão desconfiando dos maus-tratos, mas não os denunciam porque “entre marido e mulher ninguém mete a colher”. E, por isso, não vão apresentar queixa, deixando as estatísticas da violência doméstica aquém da realidade. Limitam-se a acabar com a relação, alegando que “já não dava” ou “discutíamos todos os dias”. Mas o “discutir” era na realidade de violência doméstica diária. É o caso de Manuel (nome fictício), um reformado, de 68 anos, natural de uma freguesia de Marco de Canaveses, que começou a ser alvo de maus-tratos após ter deixado de trabalhar. “Todos os dias, a minha mulher dizia-me que já não lhe servia de nada, porque já não trazia dinheiro suficiente para sustentar a casa. Ela sempre foi doméstica e vivemos sempre do meu ordenado. Quando o dinheiro falhava, havia sempre discussão. Comecei a beber mais e ela também. Como ela é mais forte do que eu, quando discutíamos ela ficava por cima. Chegou a atirar-me panelas à cabeça e garrafas. Até café a ferver me deitou em cima da barriga quando estava a dormir”, conta Manuel, que nunca quis queixar-se às autoridades. O homem garante que foi alvo de maus-tratos durante cerca de cinco anos. O casal nunca teve filhos e apenas alguns familiares sabiam que Manuel tinha medo da mulher. Entre os vizinhos, falava-se em agressões mútuas, motivadas pelo excesso de vinho.

“Nunca pensei sequer ir à GNR fazer queixa da minha mulher. Acho que ia ser pior. Preferi dizer às pessoas que nos separamos por causa das discussões. Mas eu tinha medo dela. Medo de que ela me pudesse matar. Preferi sair de casa. Assim é melhor. Se lá ficasse, ia ser uma tragédia”, desabafou Manuel, que está separado há cerca de dois anos e garante estar feliz. “Agora tenho de fazer tudo em casa. Tenho uma irmã que me ajuda, mas tenho de me desenrascar. Disso não tenho medo”, rematou o reformado. A.P.



Chegou a atirar-me panelas à cabeça e garrafas. Até café a ferver me deitou em cima da barriga quando estava a dormir”

Manuel
Marido agredido

Ílhavo

Condenada por violência doméstica contra “ex”

► Margarida Faria, uma mulher de 52 anos que também esteve envolvida num processo por fraudes, foi condenada, em junho do ano passado, no Tribunal de Ílhavo, a três anos e três meses de prisão (suspensa) por violência doméstica sobre um ex-companheiro. Foi um dos raros casos conhecido em que uma mulher foi condenada por este crime. O tribunal decretou a proibição de contactar o ex-companheiro e também a obrigou a indemnizá-lo em 12 168 euros (7168 dos quais por danos patrimoniais).

O casal conheceu-se num sítio na Internet de encontros amorosos e viveu maritalmente durante mais de um ano, até que divergências devido à exploração de um lar de idosos levou o homem, de Ílhavo, a terminar a relação, em agosto de 2010. Começou uma perseguição que incluiu esperas à noite, mudança da fechadura do apartamento dele, pneus furados e viaturas riscadas, mais de mil SMS com insultos e ameaças até outubro de 2012. “A conduta reiterada causou danos morais e sentimento de insegurança, ofendendo a vítima na sua dignidade e fazendo-a temer pela integridade física”, sublinhou a juíza, durante a leitura da sentença, à qual a arguida não compareceu.

A defesa de Margarida Faria – que não prestou declarações nem mostrou arrependimento – referiu que, durante o relacionamento, a arguida foi agredida a murro e pontapé – situação não provada neste julgamento e que terá dado origem a outro processo, entretanto findo sem condenação do ex-companheiro.

Não é frequente a denúncia de violência doméstica praticada por mulheres contra homens, “mas, dada a gravidade, a vítima não teve alternativa”, contou o advogado de defesa, Rui Brandão. ●



A conduta reiterada causou danos morais e sentimento de insegurança, ofendendo a vítima na sua dignidade e fazendo-a temer pela integridade física”

Juíza
Tribunal de Ílhavo

CASOS
DE POLÍCIA

Hernâni Carvalho



Cresce o número de homens que denunciam às autoridades os maus tratos das mulheres. Nos últimos cinco anos e até Junho deste ano, já 14.285 homens queixaram-se de violência doméstica cometida por elas....

FOTO: ARQUIVO

Morre a vergonha, acaba o silêncio, nasce a queixa. Só nos primeiros seis meses deste ano, as autoridades registaram 1260 denúncias de homens vítimas de maus tratos perpetrados por mulheres. A notícia fez a primeira página do "Jornal de Notícias" no domingo, dia 23. Há homens a ganhar coragem para denunciar os maus tratos de que são alvo. Apesar do preconceito social, a alguns já nem a vergonha os cala. Nos últimos cinco anos e até Junho de 2015, foram 14.285 os queixosos que denunciaram mulheres por crimes de violência doméstica.

Como é que elas agredem

O homem agride essencialmente com a força física, enquanto a mulher usa mais a violência psicológica. Normalmente, começam por lhes colocar a masculinidade em causa. Ou seja, agredem mais ao nível da autoestima e das suas capacidades enquanto homem. De um jeito subreptício, gradual e de múltiplas formas, isolam o marido/companheiro da família ou dos amigos. "Fazem chantagem. Depois, humilham-no, por exemplo, em frente a familiares ou amigos, falando de como comparativamente aos colegas, ganha pouco, ou como tem um trabalho desqualificado, etc. Só depois



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

QUANDO ELAS

deste processo é que passam à agressão física", explicou o professor de Psicologia Forense Paulo Sargento, à tvmais.

Quem são as agressoras

"São mulheres, namoradas, amantes, mães, filhas, enteadas ou madrastas. São pessoas que não tendo resistência à frustração, qualquer factor de stresse as descompensa. Muitas sofrem de perturbações

psicológicas e de comportamento", disse Paulo Sargento.

Malvistas

O homem que admite ser maltratado pela cónjuge/companheira ainda é malvisto na sociedade portuguesa. "A vergonha e a autoestima muito debilitadas fazem com que os homens demorem mais tempo a tomar consciência

A vergonha morreu para 9% dos homens

O escasso número de estudos sobre a mulher violenta ou sobre a violência doméstica onde o agressor é ela, parece afirmar a existência de uma espécie de tabu sobre estas atacantes. Mas elas existem. Em 2013, as investigadoras Andreia Machado e Marlene Matos, da Universidade do Minho, publicaram um estudo, feito com 1557 homens. Veja alguns dos resultados:

Assumiram-se como vítimas de violência doméstica	8,9%
Tinham sofrido pelo menos um comportamento abusivo no último ano	69,7%
Tinham sofrido pelo menos um comportamento abusivo ao longo da vida	76,4%
Tinham sofrido pelo menos uma agressão psicológica	59,7%
Não pediram qualquer ajuda	76,4%
Pediram ajuda a amigos	71,4%
Pediram ajuda às forças de segurança	14,3%



Perfis

Os agressores de violência doméstica são, na sua maioria esmagadora, homens. São mais físicos. Já as agressoras são mais psicológicas. Os perfis das vítimas são semelhantes nos dois sexos.

PERFIS DE AGRESSORES

88% HOMENS

51% Casados ou em união de facto com a vítima

21% Tem ensino secundário ou superior

13% Estrangeiros

9% Tinha arma branca

41% Dependentes de álcool

11% Dependentes de drogas

PERFIS DE VÍTIMAS

85% MULHERES

78% Dependem financeiramente do agressor

68% Tem até 9º ano de escolaridade

46% Tem vida profissional activa

26% Não tem trabalho

59% Casadas ou em união de facto com o agressor

20% Separadas do agressor

A maioria das queixas são apresentadas no próprio dia da agressão (71%), uma boa parte delas (46%) de noite ou de madrugada. Isto porque mais de metade das agressões ocorre entre as 19 h e as 24 h (53%), segundo um relatório anual de monitorização da violência doméstica, da Direcção-Geral da Administração Interna, a que a tvmais teve acesso.

BATEM NELES

da agressão ao ponto de apresentar queixa, ou pedir ajuda”, concluiu o professor.

Vergonha

“Embora de um modo um bocadinho envergonhado”, dizia Luísa Waldherr, psicóloga clínica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2013, já se via crescer o número de homens que pedia ajuda como vítima de violência conjugal. Muitos faziam-no por estarem depressivos e a precisar de ajuda. Apenas 2% chegava a formalizar a queixa junto das autoridades.

Coragem

“É preciso ter muita coragem para apresentar queixa por ter sido agredido pela mulher, sobretudo nos meios pequenos”, dizia Leonel Carvalho, secretário-geral do Gabinete Coordenador de Segurança (GCS) em 2005. Ainda é.

Uma hora de sorte

Artur Santos foi morar para Odivelas quando se juntou com “Alice” (nome fictício) e dá graças por ter escolhido um rés-do-chão. “Vivi ali dez meses de terror”, contou-nos. Só conseguiu provar ser vítima de agressões quando a polícia, chamada pela enésima vez,

A agressão psicológica não deixa marcas visíveis

chegou mais depressa que o habitual. “Mal bateram à porta, ela parou de gritar e começou a chorar e a dizer que eu a estava agredir.” “Estamos aqui fora há muito, minha senhora. Estivemos a ouvir tudo”, disse um dos

polícias à agressora, que só se tinha apercebido da chegada deles quando os viu. Antes, porque os gritos dela se ouviam na rua, eles tinham-na ouvido vociferar ao marido que lhe ia destruir a carreira, que se ia marcar como fizera das outras vezes e que ele ainda ia ficar mais malvisto. “Tentei sempre não

perder a cabeça. Se lhe batesse era a minha desgraça com a Lei”, conta hoje Artur. “Ela gritava à janela que eu não servia para nada, que não era homem, chamava-me palhaço e cornudo e que devia era morrer.” A rápida chegada da polícia naquela noite foi providencial. O marido saiu, não voltaram a viver juntos e ela não lhe fez mais cenas. “Alice” já refez a vida e já regressou às agressões conjugais...

Números negros

Alguns estudiosos destas questões avançaram-nos que em 20% das situações de violência conjugal, são elas as agressoras, embora raramente sejam julgadas e quase nunca condenadas. “Você nunca vai conseguir provar nada porque ela é a mulher”, ouvem alguns na hora de denunciar na polícia.

Sem marcas

Enquanto a agressão física deixa evidências tão visíveis como um braço partido ou um hematoma, uma das características da violência psicológica é não deixar marcas visíveis. Por isso é sempre muito difícil de provar e de avaliar quantas pessoas foram vítimas de violência psicológica. Eles ou elas. ■



PORTUGAL

Até 20 de agosto

Campanhas marcantes da APAV em exposição

«A Voz do Silêncio» é o título de uma exposição que recorda algumas das campanhas mais sensibilizantes e dramáticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A mostra recorda os 25 anos da instituição de luta contra a violência doméstica e pode ser conhecida até à próxima quinta-feira, 20 de agosto.

A exposição, com curadoria do publicitário Edson Athayde, está localizada no passeio da Avenida Duque d'Ávila (ao Arco do Cego, perto da saída de metro, junto a um supermercado), em Lisboa.

Desde a sua fundação, em 1990, a APAV presta auxílio às vítimas de violência através, por exemplo, das suas casas-abrigo. Além dessa função, a associação tem também como missão sensibilizar a população para a problemática da violência.

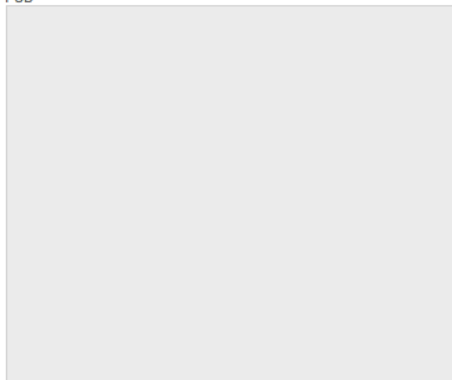
APAV receia que Estratégia para o Idoso não tenha efeitos práticos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) receia que a Estratégia para o Idoso não tenha efeitos práticos e lamenta que não tenha tido o contributo da sociedade civil, apesar de entender que representa uma mudança de paradigma.



A Estratégia Para o Idoso, que prevê a repressão de todas as formas de violência, abuso, exploração ou discriminação e a criminalização do abandono de idosos, foi hoje aprovada em Conselho de Ministros.

PUB



Contactado pela agência Lusa, o presidente da APAV, João Lázaro, disse que a associação se congratula com a criação do documento e sublinhou que a Estratégia "tem o mérito de ser um exercício mais concreto de mudança de paradigma relativamente à proteção e às medidas de proteção para as pessoas idosas".

De acordo com João Lázaro, desde 1999, Ano Internacional das Pessoas Idosas, que as organizações que trabalham nesta área

exigiam mudanças ao nível da proteção.

No entanto, "tem claramente a desvantagem de ser tardio", sublinhou o presidente da APAV, apontando que se trata de um documento que não irá originar nada.

Aliás, o próprio ministro da Presidência, Luís Marques Guedes, disse, na conferência de imprensa realizada no final do Conselho de Ministros, que esta Estratégia só poderá ser aprovada na próxima legislatura, uma vez que exige alterações ao Código Penal, matéria da responsabilidade da Assembleia da República.

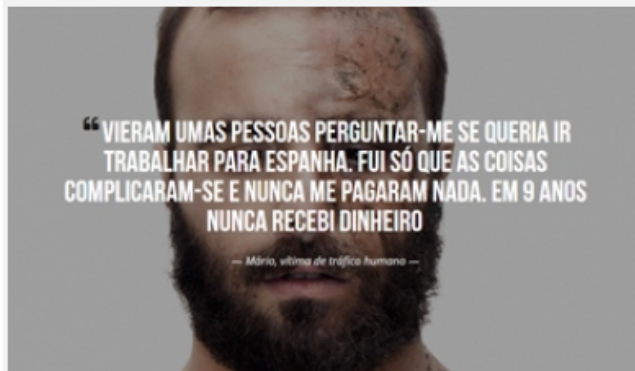
"É apenas o iniciar do que deve ser feito. O efeito útil que leve realmente a uma melhoria do quadro legal em termos de promoção da proteção e dos direitos não existe, o efeito prático da mudança é quase nenhum", sublinhou João Lázaro, acrescentando que a resolução não tem força vinculativa ou operativa.

Ainda assim a APAV congratula-se com o facto de a Estratégia ter sido criada, apontando, relativamente ao processo de construção do documento, a ausência de um debate público e da consulta da sociedade civil sobre esta matéria.

PORTUGAL

Campanha está nas ruas até final de setembro

APAV alerta para tráfico humano



Com o objetivo de sensibilizar a população portuguesa para o tráfico de seres humanos, a APAV lançou uma campanha em vários meios e formatos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a lançar a segunda fase de uma campanha de sensibilização que alerta para a problemática do tráfico de seres humanos. Além de um [site](#), a campanha materializa-se em mensagens em [spots vídeo](#), anúncios de imprensa, cartazes, folhetos e mupis (transportes públicos e centros comerciais).

A campanha arranca este mês e estará na rua durante o mês de setembro. A iniciativa é uma forma de «promover a sensibilização sobre o tráfico humano, com ênfase na exploração laboral, de forma a tornar possível o reconhecimento de situações relacionadas com este crime e evitar situações de risco», explicam os promotores da ação, em comunicado.

De acordo com o Relatório Anual do Observatório de Tráfico de Seres Humanos, em 2013 foram sinalizadas 299 pessoas como presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos. A campanha foi desenvolvida no âmbito do Projeto Briseida, promovido pela APAV e co-financiado pela Comissão Europeia.

Há cada vez mais denúncias de abandono e violência sobre idosos



Em 2014, pediram ajuda à APAV mais 78 pessoas idosas, face ao ano anterior. Associação considera que o desemprego e a crise são factores que propiciam o fenómeno, que aumenta também no Verão e na época do Natal.

Não pára de aumentar o número de denúncias sobre o abandono e violência sobre idosos. As contas e previsões são da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

“De 2000 a 2013, houve um aumento de cerca de 79%. Entre 2013 e 2014, um aumento de cerca de 10,1%. Tivemos, em 2013, 774 casos de pessoas idosas que recorreram a nós e passámos a ter, em 2014, 852 processos de apoio”, indica à **Renascença** Maria de Oliveira, técnica de direcção da APAV.

“Em 2015, achamos que está a seguir a tendência de aumento de situações de pessoas idosas vítimas de crime”, conclui.



APAV recorda 25 anos em exposição

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) reúne nesta mostra as suas melhores campanhas de sensibilização para os problemas da violência.

A exposição "A Voz do Silêncio" foi inaugurada na quinta-feira e vai decorrer até 20 de agosto, no passeio da Avenida Duque d'Ávila, em Lisboa.

Os 18 cartazes focam várias áreas de violência e alertam a sociedade para as perturbações causadas por este tipo de episódios.

(com Sandra Henriques)

Correio dos Açores

Estado vai apoiar pagamento das rendas de casa a vítimas de violência doméstica

Já está publicado em Diário da República o projecto de lei apresentado na Assembleia da República, pelo Bloco de Esquerda, e aprovado por unanimidade. A nova alteração à lei prevê que as vítimas de violência doméstica passem a receber apoios para pagar a renda da casa. Esses apoios serão definidos em função dos rendimentos da vítima, permitindo facilitar as denúncias por parte das vítimas sem autonomia financeira. A Associação de Apoio à Vítima (APAV) considera que é "uma boa medida" porque "há muitas vítimas de violência doméstica que dependem financeiramente do ofensor", confirma Helena Costa, Coordenadora da APAV Açores. Acrescenta para algumas vítimas, "o que as impede de ter um futuro livre de violência doméstica é a dependência financeira".

A aplicar-se nos Açores, seja directamente ou seja por regulamentação do Governo Regional, a medida permitirá acelerar o processo de denúncia e a saída da habitação partilhada com o agressor.

personalidades

Bispo de Setúbal, D. Gilberto Canavarro dos Reis

Vai receber uma das mais altas distinções do Município a Medalha de Prata da Cidade

A Câmara Municipal de Setúbal aprovou ontem, em reunião pública ordinária, a lista de personalidades e entidades a homenagear no feriado municipal com as Medalhas da Cidade.

Ao bispo de Setúbal, D. Gilberto Canavarro dos Reis, é entregue uma das mais altas distinções do Município, a Medalha de Prata da Cidade, condecoração atribuída a pessoas ou instituições que se destaquem por serviços excecionais prestados em prol do concelho e dignos de reconhecimento geral.



A Medalha da Cidade, que, juntamente com as restantes condecorações, é atribuída numa cerimónia a realizar tradicionalmente no Dia de Bocage e da Cidade, feriado municipal celebrado a 15 de setembro, pode ser de ouro, prata ou cobre.

Na Classe Associativismo e Sindicalismo Setúbal distingue com a Medalha de Honra da Cidade António da Cunha Bento, com atividade desenvolvida na Associação Cultural Sebastião da Gama e na Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, António Manuel Fernandes Alves, que se destacou ao serviço de várias coletividades, e Francisco Alves Monteiro, dirigente do Corpo Nacional de Escutas.

Ainda na mesma classe, a Câmara Municipal atribui a Medalha de Honra à APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, a Josué Monteiro, dirigente durante várias décadas do Vitória Futebol Clube, à ACML - Associação dos Comerciantes do Mercado do Livramento, a Armando Oliveira, presidente da Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Troia, e a José Lopes, pescador com atividade na mesma comissão de festas.

MARKETEER

Vogue Fashion's Night Out apoia APAV



A 10 de Setembro, Lisboa recebe mais um Vogue Fashion's Night Out, evento que leva os portugueses à rua e que deixa as lojas abertas até mais tarde. Este ano, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) também marca presença através de gifts oficiais, como explica a organização.

Quem passar pela Avenida da Liberdade, Rua Castilho, Príncipe Real, Chiado ou Baixa durante essa noite, encontrará t-shirts com seis ilustrações diferentes e oito pins, todos em alusão ao evento.

Cada pin terá o valor de um euro e as t-shirts estarão à venda por cinco euros. O montante resultante destas vendas reverterá na totalidade para a APAV.

Exposição da APAV recorda 25 anos de luta contra a violência

A Voz do Silêncio é o título da exposição que recorda as melhores campanhas da APAV na luta contra a violência doméstica